



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

BRUNA MICHELLE ALVES DE OLIVEIRA

FEMININO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DISTÓPICA

**GUARABIRA
2018**

BRUNA MICHELLE ALVES DE OLIVEIRA

FEMININO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DISTÓPICA

Artigo de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em História.

Área de concentração: História Contemporânea

Orientadora: Prof^a. Ms^a Naiara Ferraz Bandeira Alves

Co Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O46f Oliveira, Bruna Michelle Alves de.
Feminino contemporâneo [manuscrito] : uma análise distópica / Bruna Michelle Alves de Oliveira. - 2018.
21 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves , Departamento de História - CH."
"Coorientação: Prof. Dr. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega , Departamento de História - CH."
1. Distopias . 2. Contemporâneo. 3. Feminino. I. Título
21. ed. CDD 305.4

BRUNA MICHELLE ALVES DE OLIVEIRA

FEMININO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DISTÓPICA.

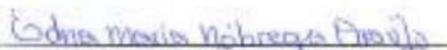
Artigo de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em História.

Orientadora: Prof. Ms^a Naiara Ferraz Bandeira Alves
Co Orientadora: Prof. Dr.^a Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega
Área de concentração: História Contemporânea

Aprovada em: 19/11/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Naiara Ferraz Bandeira Alves (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu gato, Preto (in memoriam), pelo
companheirismo e amizade durante quase toda essa
trajetória.

AGRADECIMENTOS

À Naiara Ferraz Bandeira Alves, coordenadora do curso de História, por seu empenho e humor.

À professora Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega, e a todo o departamento de História do CH pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e ao decorrer de todo o curso.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Ao meu gato Preto (in memorian), por me dar forças e estar comigo quando ninguém mais esteve.

Aos meus amigos, em especial: Amanda Beserra, Agnes Zotin, Giovanna Viais, Djanira Meneses, Robson Santos, Tony dos Santos, Danilo Fernandes, Hiago Oliveira, José Almir Bernardo, Eduardo, Matheus Akira Funayama, Thiago Scornaienchi Jorge, Rafael Ozzetti, Bruno Miranda Ferraz, Tatyana Zambanova, Yusef Ali, a galera da praça e do half (as gays, bi, sapatão e maconheiras), além de outros que fizeram parte dessa trajetória, não menos importantes, porém não foram citados diretamente, pela companhia, apoio, amizade, encorajamento, momentos de lazer e descontração.

À minha avó, Leonilde Pedroso de Oliveira, minha mãe Aneliz Alves de Oliveira e meu avô Miguel Alves de Oliveira (in memorian), meu primo Bruno Mossato, por terem formado a pessoa que eu sou.

À minha namorada Kátia Viegas, pelo apoio e paciência comigo.

Às professoras Rita de Cassia Cavalcante, Joana Emília Paulino, Lydiane Vasconcelos e Cibelle Jovem Leal, pela amizade além da sala de aula e por me fazerem acreditar que posso lutar por uma sociedade mais inclusiva e mais justa.

À todas as mulheres que me inspiram e inspiraram durante minha vida, à comunidade de Guarabira por me receber tão bem e um agradecimento especial a Paraíba por me ensinar a ser mais humana e o significado da palavra empatia na prática cotidiana.

Ao CNPQ/UEPB, por financiar grande parte da graduação.

nosso trabalho deve preparar
a próxima geração de mulheres
para nos superar em todas as áreas
esse é o legado que vamos deixar

- Progresso, Rupi Kaur

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	DISTOPIAS MODERNAS E O REFLEXO NO REAL.....	07
2.1	DAS DISTOPIA CLÁSSICA A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA.....	08
3	JOVENS LEITORES A NOVA TENDENCIA DO MERCADO EDITORIAL.....	9
3.1	O PROTAGONISMO FEMININO NA QUEBRA DO <i>STATUS QUO</i>	13
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
5	REFERÊNCIAS	16

FEMININO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DISTÓPICA

Bruna Michelle Alves de Oliveira¹

A proposta consiste em trabalhar com a produção do mercado literário voltada para o público jovem, uma temática pertinente a história contemporânea a partir do uso da história cultural, mapeando a produção e o consumo nas mudanças para a aplicação tecnológica no que ficou conhecido como geração Z. Utilizando a noção estética do campo das sensibilidades e a biopolítica em comparação a uma possível leitura do real elaborada pelos leitores a partir das produções clássicas e contemporâneas, estabelece a análise que dialogando com a categorias teóricas, distópicas e ficcionais do insólito² é utilizada para compreender o circuito de produção da literatura juvenil, em especial o surgimento do protagonismo feminino e sua apropriação pelo sistema capitalista presente no mercado editorial voltado a produção e o modo de consumo dos leitores perante as obras ficcionais contemporâneas que possuem inserção da figura feminina em posição de poder em meio à onda de conservadorismo atual.

PALAVRAS-CHAVE: DISTOPIAS; CONTEMPORÂNEO; FEMININO;

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se desenvolve a partir de 3 anos de pesquisa no programa de iniciação científica sobre a orientação da Prof.^a Dr.^a Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega, com a temática distópica ligada ao consumo e produção voltada a geração Z, a partir de uma leitura histórica, da perspectiva sócio cultural em uma temporalidade estabelecida do surgimento dos Jovens Leitores, a transformação do clássico ao contemporâneo diatópico.

Tornando-se evidente a necessidade de pesquisas voltadas ao feminino, como mulher, me identifiquei com a temática feminina, tomando assim a pesquisa a seguir a inclinação de gênero, sendo que originalmente já estabelecia uma interação entre objeto e receptor, permitindo assim que se explorasse o tema pelo viés sócio-político.

¹ Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: bma.justino@gmail.com

² 1 - Coisa ou fato fora do normal. 2 - Que não é costume. Disponível em:
<<https://dicionariodoaurelio.com/insolito>> Acesso em: 22 nov. 18.

Neste artigo demonstro o processo de inserção da figura feminina como escritora, leitora e personagem, dando visibilidade ao protagonismo feminino na produção da escrita e literatura em um processo de apropriação delas sobre a fantasia e o real, em comparação das práticas descritas nas distopias e a onda de conservadorismo presente nos governos norte-americano e brasileiro utilizando o processo de produção histórica estabelecido também a partir do texto literário e da discussão ligada à questão as emoções estéticas nas relações com o contemporâneo.

2. DISTOPIAS MODERNAS E O REFLEXO NO REAL

A Geração Z, como foi nominada, consiste nos jovens que cresceram e se desenvolveram em um período onde a tecnologia já havia sido inserida socialmente. Estes jovens caracterizados pela habilidade de desenvolver atividades simultâneas, nascidos entre os anos 90-00, em que alguns estudos apontam uma divergência quanto à data, relativo a fatores socioeconômicos, vista também como jovens a partir da segunda metade dos anos 90. O nome deriva do Inglês Zap³, sendo adaptado ao português como zapear definindo o conceito de agilidade. O que modifica entre a geração Z e sua anterior a Y, são suas habilidades de obter uma imagem de maneira mais ágil, acompanhando o desenvolvimento digital de forma naturalizada.

Esses indivíduos, segundo alguns especialistas, seriam totalmente familiarizados com as últimas tecnologias digitais e não encontrariam dificuldade alguma em aprender a lidar com as novidades que aparecem praticamente todos os dias nesse mercado, diferentemente dos membros das gerações que os antecedem. (KÄMPF, 2011)

Como abordado por Chartier (1998), a escrita apresenta mutações com o passar do tempo e avanços tecnológicos, com isso tanto os autores como os demais envolvidos no mercado editorial acompanham o desenvolvimento da Geração Z, com a finalidade de atender as demandas de mercado. As alterações da escrita, apresentam as alterações no interesse dos leitores que, diante ao fluxo de informações presentes com a inclusão digital e a interação da web 2.0⁴, buscam

³ Expressão utilizada para definir o conceito de agilidade nas redes sociais.

⁴ A mudança para a Web 2.0 ocorreu a partir da inserção e interação do usuário com a web, o que ocorre a partir de 2003.

informações, o que favorece a troca de conhecimento com outros jovens em suas redes sociais de forma interativa, podendo variar o formato entre Blogs⁵, Redes Sociais, Vlogs⁶, Podcasts⁷.

As interações temporais dentro das plataformas digitais passaram a desenvolver uma nova dinâmica com o surgimento da web 2.0 e também dos sites de redes sociais, que significam uma grande mudança na relação existente entre os consumidores brasileiros, as marcas e a forma com que estas se comunicam. (SILVA, 2009)

O interesse capitalista na indústria literária faz com que os produtores de conteúdo alcancem as mais variadas plataformas e agrade os críticos. Na era tecnológica diante a geração da informação, o público consegue manter o diálogo presente em análises e críticas que refletem no mercado, onde definirá o sucesso em questão. No caso do mercado literário editoras elaboram parcerias e patrocínios com Blogs e Vlogs literários, os Youtubers⁸, produtores de conteúdo audiovisual tem desenvolvido o formato de resenha oral, utilizando de unboxing⁹, ou apresentando a resenha enquanto demonstra as características físicas do livro, o que tem se mostrado atraente aos jovens-leitores.

Os blogs, com apresentações e resenhas de maneira escrita, em parceria e patrocínio de editoras utilizam das plataformas digitais para a promoção de seus Selos destinados aos Jovens Leitores, as editoras utilizam de parcerias com blogs literários como forma de marketing, elas enviam os livros aos responsáveis pelos blogs ou vlogs e estes leem e produzem uma resenha apontando as características do livro e estabelecem as críticas, as parceria ocorrem por seleção sendo divulgados os editais e questionários no site da editora correspondente, algumas das editoras apresentadas possuem seu próprio blog vinculado ao site, outras utilizam de blogs externos como veículo de divulgação.

2.1. DAS DISTOPIAS CLÁSSICAS A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA

As distopias vêm se popularizando desde o século XX. Distopia é o antônimo de utopia¹⁰; o termo utopia foi utilizado pela primeira vez por Thomas Morus em um texto sobre filosofia

⁵ Plataforma digital utilizada para compartilhamento de conteúdo pessoal em formato de texto.

⁶ A mesma definição do blog, porém com compartilhamento de conteúdo pessoal em formato de vídeo.

⁷ Canais de compartilhamento de conteúdo pessoal em formato de áudio.

⁸ Denominação utilizada ao produtor de conteúdo em vídeo para a plataforma digital de vídeo YouTube ©.

⁹ Termo da língua inglesa utilizado para o ato de abrir uma caixa/pacote, muito utilizado pelos Youtubers em seus vídeos.

¹⁰ 1- País imaginário em que tudo está organizado de uma forma superior. 2 - Sistema ou plano que parece irrealizável. 3 - Fantasia. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/utopia>>. Acesso em: 07 ago. 2017

política entre 1516 e 1518, John Stuart Mill usou a palavra distopia pela primeira vez em um trabalho de filosofia política mais ou menos por 1868.

Na Utopia, as leis são pouco numerosas; a administração distribui indistintamente seus benefícios por todas as classes de cidadãos. O mérito é ali recompensado; e, ao mesmo tempo, a riqueza nacional é tão igualmente repartida que cada um goza abundantemente de todas as comodidades da vida. (MORUS, S/D)

A distopia como gênero literário só começou a tomar proporções maiores no século XX em resposta aos grandes conflitos e guerras mundiais, nesse contexto surge o que ficou conhecido como o pai das distopias, o livro *Nós*, que foi escrito entre 1920-1921 por um Russo chamado Evgueni Zamiatine. Considerado um clássico e precursor das distopias atuais, *Nós* se passa em um mundo onde o governo é totalitário e pessoas são privadas de suas liberdades e seguem uma rotina vigiada. Ele foi escrito baseado nas experiências do autor diante a Revolução Russa e o contexto político social no qual a Rússia vivenciava. A temática foi se adaptando com o passar dos anos para atender as ofertas e demandas sociais, voltando a escrita e temática para temas polêmicos da atualidade, apresentando críticas com a suavidade da ficção, do fantástico.

Ainda segundo Chartier, e o processo de modificação da escrita e leitura, de acordo com as mudanças sociais e tecnológicas os produtores de conteúdo ligados ao mercado editorial tem adequado práticas de marketing e produções para atender as demandas dos “Jovens Leitores” da Geração Z, que inseridos nos meios digitais com tamanha naturalidade, utilizam dos meios sociais digitais para a troca de informações, escrita, troca de saberes (diálogos), exposição de resenhas temáticas e críticas, modificando assim o modo de produção da escrita destinada a esse público, tais como as temáticas, linguagens atuais e adaptações. Os Jovens Leitores consomem o conteúdo de acordo com a realidade que são inseridos, ocorrendo a identificação da realidade social nas distopias de acordo com o *status quo*, como apresentado na modificação da inclinação crítica entre as distopias clássicas e contemporâneas.

A história ainda demonstra certo caráter de resistência sobre essa ligação com a literatura e o ficcional, Reis (2011), na análise da obra *A Narrativa Histórica é literária* de Hayden White estabelece o estranhamento entre o historiador e a literatura utilizando o termo “Relação Incestuosa” para mencionar a reação do historiador em perspectiva da literatura, pois há elementos que muito se assemelham da historiografia a escrita literária ficcional.

3. JOVENS LEITORES A NOVA TENDENCIA DO MERCADO EDITORIAL

Percebendo que esse público dispunha de outros interesses e mentalidades¹¹ começou a pensar em atender suas demandas em literatura, indústria cinematográfica e outras categorias de consumo, como aponta Carvalho (2017) o mercado editorial obteve um grande avanço comercial após publicações como Harry Potter e Crepúsculo, tornando a literatura fantástica voltada aos jovens como tema de maior procura nas Bienais do livro, o mercado editorial se apropria da produção fantástica impulsionando as vendas e conseqüentemente aumentando as produções desse tipo de literatura, sendo ela a mais procurada pelo público de jovens leitores.

A cultura jovem é algo recente e de crescimento forte. A categoria jovem tem seu desenvolvimento e expansão ligados a rapidez permitida pelo avanço tecnológico e a velocidade em que circulam as informações, durante o processo de construção da escrita o autor, se atenta aos detalhes da escrita, sendo ela bem desenvolvida para que possa situar os leitores e direcionar a mensagem na qual ele gostaria de transmitir, sendo o leitor aberto a interpretações de acordo com suas subjetividades. (SAMARA; TUPY 2007, Kindle, Amazon posição 1823-1824).

Sendo a escrita aberta a diferentes contextualizações de acordo com a subjetividade de seu receptor que está ligada ao contexto sócio cultural na qual está inserido, a utilização da interação tecnológica promovida pela internet permite que jovens de diferentes culturas, localidades e status social possam interagir e dialogar sobre diferentes perspectivas. “[...] a escrita possibilita não apenas a elaboração de um texto, mas também a transmissão de mensagens entre quem o escreve e quem o lê e/ou o interpreta.” (SAMARA; TUPY 2007, Kindle, Amazon posição 1823-1824).

É possível observar a sociedade atual voltada para a busca incessante de um ideal estético altamente comercializado. Padrões definidos como modelos ideais são praticamente inalcançáveis à grande parcela da população, em especial às mulheres. Sendo assim, elas se veem reféns da indústria da beleza e suas práticas invasivas, tornando as estatísticas de intervenções cirúrgicas, puramente estéticas, cada vez maiores no Brasil.

Essa construção de um corpo dentro dos padrões de beleza determinado como ideal envolve a prática de exercícios físicos, mas também, dietas, remédios, cirurgias plásticas, o uso de diferentes cosméticos, enfim, tudo o que possa aproximar o corpo do corpo tido como ideal. (ARAÚJO, 2008 p.86)

¹¹ Segundo Philippe Ariès em *História Social da Criança e da Família*, o sentimento de infância começou a surgir durante o século XIII, popularizando somente a partir dos séculos XVI - XVII. Este processo de criação do sentimento da criança que levou cerca de três séculos e meio para ser difundido se mostrou lento e gradativo, foram então que começaram a pensar em crianças e adultos, os jovens e adolescentes vieram ainda mais tarde, durante a idade contemporânea, onde desenvolveu-se a categoria jovem.

Essas estatísticas abrangem em boa parcela a população jovem, que se encontra em uma fase de mudanças biológicas e aceitação, onde muitos questionam a imposição da estética padrão por meio das distopias, ficções e do fantástico. Utilizando a literatura como apoio às críticas à naturalização de padrões opressores, é possível utilizar da história para analisar a rebeldia social em torno do *status quo*¹². Os jovens utilizam da literatura como instrumento para expressar o descontentamento político, cultural e social, elaborando pensamentos reflexivos interligando a ficção com a realidade, trazendo a discussão para um tempo palpável, a atualidade.

O autor deve se atentar às questões nas quais quer abordar durante a mensagem que deseja visibilizar, porém a escrita do fantástico vai além da mensagem proposta pelo autor pois estimulam sentimentos e emoções ligadas ao medo e ao terror entrando no campo das emoções estéticas.

As emoções relativas à autopreservação são dolorosas quando estamos expostos às suas causas, porém, quando experimentamos sensações de perigo sem que estejamos realmente sujeito a riscos, isto é, quando a fonte do medo não representa um risco real a quem experimenta, entramos no campo das emoções estéticas. (FRANÇA, et al 2013 Kindle, Calibre).

Sendo o sentimento despertado no leitor o que definirá o envolvimento autor- escritor, sendo a escrita distópica a apresentar questões voltadas ao medo por se assemelhar a características do real.

A literatura fantástica, com a apresentação de um mundo aparentemente tão insólito e plural, age no sentido de promover a exageração ou o deslocamento do real e, por isso, sua representação não apresenta uma negação do real, mas incita uma revisão dele.” (GAMA-KHALIL; MILANEZ, 2013. Kindle, Calibre)

Delumeau (2009) estabelece a conexão do despertar do medo pela literatura no campo estético, abrindo diálogo com Reis (2011) sobre a historiografia se encontrar receosa quanto a validade dos estudos historiográficos do campo literário.

[...] a literatura progressivamente restituiu ao medo seu verdadeiro lugar, ao passo que a psiquiatria agora se inclina cada vez mais sobre ele. em nossos dias, são incontáveis as obras científicas, os romances, as autobiografias, os filmes que trazem no título o medo. curiosamente, a historiografia, que em nosso tempo deslindou tantos novos domínios, o negligenciou. (DELUMEAU, 2009. Kindle, Calibre)

¹² Do Latim, Estado atual.

Tais como críticas sociais e ao capitalismo, dispendo as distopias de um ar de escrita profética, gerada em torno de uma catástrofe onde se instaura um novo *status quo*, marcado pelo totalitarismo e questões polêmicas sociais.

critério do fantástico não se situa na obra a não ser na experiência particular do leitor, e esta experiência deve ser o medo. “A atmosfera é o mais importante pois o critério definitivo de autenticidade [do fantástico] não é a estrutura da intriga a não ser a criação de uma impressão específica. (...) Por tal razão, devemos julgar o conto fantástico nem tanto pelas intenções do autor e os mecanismos da intriga, a não ser em função da intensidade emocional que provoca. (...) Um conto é fantástico, simplesmente se o leitor experimenta em forma profunda um sentimento de temor e terror, a presença de mundos e de potências insólitas (TODOROV, S/D. Kindle, Calibre).

Com a efetiva participação feminina no capital, a demanda social por conteúdo voltado às mulheres tem se mostrado tanto atrativa ao sistema capitalista presente no mercado editorial quanto inclusiva, que comercializa a imagem da mulher autônoma. A interação social e informativa promovida pela Web 2.0- em que cada vez mais as mulheres estão inseridas de forma participativa no mercado editorial, como escritoras, personagens e leitoras - propõe a possibilidade do debates e reflexões sobre pautas da do movimento feminista dentro do universo literário.

Virgínia Woolf atenta a necessidade da independência feminina para que as mulheres possam ocupar lugares como o de escritoras de ficção. Para isso, é necessário que tenha seu dinheiro e espaço independentes, para que assim possam desenvolver seu potencial. Questões culturais ligadas ao patriarcado inviabilizam a mulher de se expressar livremente nas mesmas condições masculinas, a imagem social da mulher atreladas a assimetria e estereótipos estruturais de gênero desencorajam e dificultam a produção feminina, não só no universo ficcional como propõem a autora, como no meio literário como um todo.

O que Woolf denunciou sobre a falta de oportunidades das mulheres em 1932 se estendeu para a segunda metade do século XX. A própria noção de ficcionalização, atrelada à ideia de que o homem escreve melhor do que a mulher ou aborda temas mais profundos, é questionável. Se se pressupõe que, através dos séculos, foram eles que detiveram os meios de produzir bens e deflagrar quais são os habitus que ditam as regras sociais, fica muito difícil entender de que ponto parte a noção de valoração estética, artística e literária, visto que as mulheres estariam prejudicadas desde o início da escrita das obras. (WOOLF, 1985. apud. LOUSA; SANTOS. 2016)

Para Woolf, é necessário que a mulher seja independente financeiramente e psicologicamente do homem, para que possa produzir como escritora de ficção, pois a vivência feminina reproduz os estereótipos de gêneros presentes no patriarcado de uma maneira estrutural,

onde sem equidade de gênero, desestimulam a produção literária por parte das mulheres, tornando o mercado como o conhecemos com grandes nomes associados ao gênero masculino.

A figura feminina começa a surgir com Mary Shelley autora de Frankenstein, a pioneira na produção de ficção científica escrita por mulheres, a partir da inserção feminina nas demandas de escritoras dentro do universo distópico e ficcional encontramos nomes como Margaret Atwood (O Conto da Aia, 1985), Louise O'Neill (As filhas de Eva, 2014), Suzanne Collins (Jogos Vorazes, 2008), Charlotte Perkins Gilman (Herland - A Terra das Mulheres, 1915), Marge Piercy (Woman on the Edge of Time, 1976), Connie Willis (O Livro do Juízo Final, 1992), que apesar de serem encontradas desde o século XX, começam a se popularizar, após a segunda guerra mundial com o início da participação efetiva das mulheres na sociedade.

Iniciativas feministas, como o projeto Leia Mulheres, onde utilizam de espaços dedicados a divulgação da produção feminina, a partir de um projeto onde visa dar visibilidade a autoras femininas estabelecendo parcerias em instituições e mercado editorial, divulgando o trabalho feminino em um meio ainda afetado pelo patriarcado.

A representação do feminino em personagens protagonistas, com a onda do empoderamento as personagens são representadas com uma imagem forte, de lutadoras e guerreiras, capazes de canalizar sua rebeldia contra o Sistema, sendo heroínas, salvadoras, independentes do vínculo com a figura masculina, o que não é presente nos clássicos distópicos onde as personagens femininas são de destaque encontradas em Blade Runner, O Conto da Aia, As Filhas de Eva, Jogos Vorazes, Feios, Divergente, As Crônicas do Mundo Emerso.

A escritora e artista Rupí Kaur, militante feminista trabalha com empoderamento em sua escrita descreve a *representatividade* da seguinte maneira:

a representatividade
é vital
sem ela a borboleta
rodeada por um grupo de mariposas
incapaz de ver a si mesma
vai continuar tentando ser mariposa
(KAUR, 2017 p.239)

3.1. O PROTAGONISMO FEMININO NA QUEBRA DO STATUS QUO:

O rompimento com *status quo* patriarcal, se dá pelo processo de inserção das escritoras e seu sucesso crescente como uma forma de resistência e afronta aos clássicos escritores do gênero masculino.

A quebra do *status quo* ocorre tanto no insólito da vivência real, quanto no ficcional e distópico ou utópico feminista com as personagens de gênero feminino ocupando os lugares de protagonismo e representação, na postura de heroínas, mulheres fortes e combatentes ao contrário dos estereótipos de fragilidade atrelados ao feminino.

A distopia ou antiutopia é carregada de aspectos negativos. O pessimismo é sua principal característica. Por isso, o pensamento antagônico é o utópico, onde tudo é perfeitamente idealizado. A distopia só existe porque a utopia a precede. Muitas vezes, esta é destruída por aquela, a partir do momento em que certas previsões distópicas se tornam realidade. Apesar disso tudo, é possível perceber que as distopias são necessárias. Um sistema de governo e dominação, por exemplo, só consegue se manter firme a partir de um cenário distópico. Assim, o *status quo* permanece e os indivíduos são auxiliados pelo capital, pelas autoridades e, também, pelos meios de comunicação. (FERNANDES, Daniela, 2015, S/P)

Originalmente as distopias clássicas nasceram como crítica ao *status quo* de regimes totalitários, permeando esse como tema principal dos clássicos como *Nós* (Ievgueni Zamiátin, 1921). Depois do sucesso de *Nós*, outros autores surgiram na mesma linha distópica do *status quo* ligado ao totalitarismo: George Orwell com *1984* e depois *Fahrenheit 451* que seguem o mesmo discurso narrativo. Mais à frente surge *Laranja Mecânica* e *Admirável Mundo Novo*, onde começa a variar a temática da escrita, chegando aos títulos atuais e as distopias feministas. onde após a queda do muro de Berlim, ocorre a mudança social do totalitarismo para os modelos de sociedade democráticas, simbolizando a mudança no *status quo* vigente e abordando temáticas contemporâneas, como a ditadura da beleza e a biopolítica.

As distopias feministas desenham infernos patriarcais de opressão, discriminação e violência contra mulheres, mapeando assim a sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, e revelando sua natureza ambígua, essas ficções expressam de forma importante desejos e esperanças utópicos pertinentes às mulheres (CAVALCANTI, 2003, p. 338 apud. Silva, 2017).

Biopolítica é um conceito advindo de Michel Foucault a respeito das mudanças do poder nos meios sociais, o poder público, do século XX. As políticas saem do campo do individual e passam a serem pensadas de forma coletiva, as denominadas políticas públicas, afetando grupos inteiros de forma massiva, sendo derivadas análises da biopolítica em diálogos contemporâneos.

a biopolítica não se revela nem como política, nem como produção da vida, mas da morte. [...] A vida é politicamente produzida, com o objetivo prioritário de ser destruída. (MOTA, 2014 p. 188)

Essa análise da biopolítica em diálogo de MOTA (2014) parte do conceito de Agamben sobre Foucault, na perspectiva do totalitarismo presente nas distopias, este conceito se aplica a submissão da vida ao controle do Estado, onde suas práticas estipulam padrões agressivos que ceifam as vidas com um discurso produzir mais qualidade de vida.

O protagonismo feminino surge nestas temáticas contemporâneas com a aparição de personagens femininos com destaque e ocupando posições relevantes no contexto das obras de ficção, como em *Jogos Vorazes*, *Divergente*, *Crônicas do Mundo Emerso*, *Neuromancer* e *Feios*, obtendo a interação entre jovens leitores e obras literárias que dialogue com a situação sociopolítica, tendo em vista o impacto crescente da visibilidade feminina, atuando junto de projetos que colaboram com a quebra do *status quo* dentro do insólito e ficcional, sendo também inspiração para os leitores que estabelecem comparações com cenário de conservadorismo que através políticas públicas mantêm o controle sobre os corpos das mulheres, e a manutenção do patriarcado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A crescente onda do conservadorismo que vem se popularizando e elegendo seus líderes, como é o caso dos E.U.A. com a eleição de Donald Trump e das pré candidaturas brasileiras a presidência, o que ocorre o crescimento nas manifestações que se opõem a submissão do corpo feminino ao Estado que criminaliza práticas como o aborto seguro, distribuindo discursos misóginos, além de reforçar os estereótipos de gênero padrões da mulher submissa e do lar, romantizando e impondo a maternidade compulsória, tratando o corpo feminino como propriedade do Estado patriarcalista, privando direitos, sobrecarregando e culpabilizando a mulher ao mesmo tempo que ignora questões como o abandono parental. O discurso do conservadorismo chega a soar tão surreal que é nesta premissa que se popularizam as distopias e as manifestações contra o Estado, elegendo símbolos de representação e apontando o futuro distópico como uma possível realidade.

Podemos considerar a importância desse estudo como forma caracterizar a emergência dos jovens leitores, em especial o surgimento do protagonismo feminino e seus leitores, em obras literárias que dialogue com a situação política e social, refletindo nas problematizações na geração Z. O mapeamento da demanda desses novos consumidores em relação ao aumento da procura por escritoras, assim como o perfil das novas protagonistas desenvolvidas em seus universos distópicos, traz o impacto da visibilidade feminina que vem ganhando espaço, e apoio, a partir de projetos proporcionando a quebra do *status quo* dentro do insólito e ficcional.

O impacto do aumento da demanda feminina neste universo se dá não apenas na produção literária em si, como também sobre os conteúdos produzidos acerca dessas obras, disponibilizados

por meios de blogs, vlogs e redes sociais. Assim como é possível encontrar diálogos entre as narrativas e a materialidade, por meio de resenhas críticas desenvolvidas por leitoras, dada a similaridade entre as pautas do movimento feminista e as distopias contemporâneas no que se diz respeito a práticas opressoras de um Estado conservador.

COMTEPORANY FEMELE: A DISTOPIC ANALYZE

ABSTRACT:

The proposal consists of working with the production of the literary market aimed at young audiences, a theme focused on contemporary history; taking into account the use of cultural history, mapping the production and consumption changes to the technological application in what has become known as generation Z.

Using the aesthetic notion from the field of sensibilities and biopolitics in comparison to a possible interpretation of the reality, elaborated by readers from both classical and contemporary publications.

An analysis is established that dialogues with the theoretical, dystopian and fictional categories of the uncommon type, which is used to understand the circuit of production of juvenile literature, in particular the emergence of female protagonism and its appropriation by the capitalist system present in the publishing market; which is directed towards the production and the mode of consumption of readers; regarding contemporary fictional works that have the insertion of a female figure in the position of power amid the current wave of conservatism.

KEY-WORDS: DYSTOPIA; COMTEPORANY; FEMALE

5. REFERÊNCIA:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios.** trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Unochapecó, 2009. Dispositivo Kindle, Calibre.

ANDRETTA, J. and Cezar, M. (2010). **A renovação da beleza feminina após a Segunda Guerra Mundial.** Graduada; Doutora. Universidade Feevale.

ARAÚJO, E. (2008). **"Espelho meu, agora a mais bela sou eu":** Cartografias da História da beleza no Brasil. Doutora. Universidade Federal de Pernambuco.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Utopia, distopia e história** In: Editorial da MORUS – Utopia e Renascimento 2, 2005, p. 4-10.

BLOG QG FEMINISTA. **Distopias e prostituição**. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/distopias-e-prostituição-f5f2610a7791>> Acessado em Jul/2018.

BORGES, Flávia Rodrigues; FIGUEREDO, Ivan Vasconcelos. **Feminismo e a mulher na contemporaneidade: uma análise de propagandas televisivas**. Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, MG (UFSJ). XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ. 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2821-1.pdf>> Acessado em Jul/2018.

CAMPOLINA, Thaís. **O Conto da Aia: A sombra de um futuro distópico já vive entre nós**. Out 29, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/revista-subjetiva/o-conto-da-aia-a-sombra-do-futuro-distópico-já-vive-entre-nós-321fc6a422e7>> Acessado em Jul/2018.

CARVALHO, Dora Miranda. **Os novos significados da literatura fantástica no consumo de livros e na cena midiática brasileira** – a emergência de novos autores e a relação com os fãs. Mediação, Belo Horizonte, v. 19, n. 25, jul./dez. de 2017.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Premia editora de livros S.A, Brasil, 1982. Dispositivo Kindle, Calibre.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1998. Dispositivo Kindle, Calibre.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. trad. Cristina Antunes. 2º ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2017.

DANNER, Fernando. **O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault**. Revista Estudos Filosóficos nº 4 /2010, UFSJ - São João del-Rei-MG. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9-rev4.pdf>> Acessado em Ago/2018.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: Uma cidade sitiada.** São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2009. Dispositivo Kindle, Calibre.

FERNANDES, Daniela. **O status quo a mando das distopias.** Disponível em: < <http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/o-status-quo-a-mando-das-distopias/>> acessado em Ago/2018.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. **Da utopia à distopia: política e liberdade.** Eutomia Revista de Literatura e Linguística. v. 1, n. 03 (2009) Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1821>>

FISCHBERG, Josy. **Adolescentes brasileiros formam legião de leitores-fãs e impulsionam as vendas das editoras.** Jornal O Globo, 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/adolescentes-brasileiros-formam-legiao-de-leitores-fas-impulsionam-as-vendas-das-editoras-13281868>> Acessado em Ago/2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. Dispositivo Kindle, Calibre.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica:** curso dado no College France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. Dispositivo Kindle, Calibre.

FRANÇA, Júlio et al. **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013. Dispositivo Kindle, Calibre.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. at. all. **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013. Dispositivo Kindle, Calibre.

HENRIQUES, Michelle; LEUENROTH, Juliana. **Margaret Atwood:** Diálogos entre era Trump e República Gilead. Fev 16, 2017. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/blog/margaret-atwood-dialogos-entre-era-trump-e-republica-gilead/>> Acessado em Jul/2018.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade.** Rev. Anu. Lit. Universidade Federal de Santa Catarina. v. 18, n. 2. 2013. Florianópolis. Santa Catarina. Brasil. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/27842>> Acessado em Jul/2018. <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700004&lng=en&nrm=iso> Acessado em Jul/2018.

KÄMPF, Cristiane. **A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento.** ComCiência, no.131. Campinas, 2011. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700004&lng=en&nrm=iso> Acessado em Ago/2018.

KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores.** trad. Ana Guadalupe. São Paulo. Planeta do Brasil, 2018.

LARANGEIRA, Álvaro Nunes; CARDOSO, Moisés; KUMM, Alexandre Artur. **Interações temporais na era da convergência: perspectivas das Gerações Y e Z nas redes sociais digitais.** ECCOM, v. 7, n. 14, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://fatea.br/seer/index.php/eccom/article/viewFile/1604/1213>> Acessado em Jul/2018.

LIMA, Paula de Bastos. **A Representação da mulher em O Conto da Aia: A influência da cultura patriarcal na percepção da mulher.** 2017. 36f. Monografia de Conclusão de Curso - Universidade de Brasília. Brasília. 2017.

LOUSA, Pilar Lago e; SANTOS, Maria Clara Dunck, **Leia Mulheres: Literatura, Empoderamento e Divulgação da Autoria Feminina em Goiânia .** Em Tese, V. 22, N. 3. 2016 Belo Horizonte, MG. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11417>> Acessado em Jul/2018.

MARQUES, Eduardo Marks de. **Corpos Transfigurados: sociologia do corpo pós-humano e as distopias contemporâneas.** Disponível em: <http://www.academia.edu/22602354/Corpos_Transfigurados_sociologia_do_corpo_pós-humano_e_as_distopias_contemporâneas> Acessado em Jul/2018.

MORUS, Thomas. **Utopia**. S/D. Dispositivo Kindle, Amazon.

MOTA, Thiago et al. **Capitalismo Contemporâneo: Olhares multidisciplinares**. Campina Grande, PB. EDUEPB, 2014.

PAVANI, Amanda. **Ficção Científica Contemporânea Escrita por Mulheres**: Margaret Atwood, Octavia Butler, Marge Piercy, Connie Willis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498852045_ARQUIVO_TextocompletoMundosdeMulheres-Final.pdf> Acessado em Jul/2018.

PORTAL BBC NEWS. **O que pensa Trump**: 30 propostas e declarações polêmicas do presidente eleito dos EUA. Nov 9, 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37921156>> Acessado em Ago/2018.

PORTAL UNASP. **O Status Quo a Mando das Distopias**. Disponível em: <<http://www.unasp-ec.com/canaldaimprensa2/index.php/o-status-quo-a-mando-das-distopias/>> Acessado em Jul/2018.

REIS, José Carlos. **Diálogos interdisciplinares entre fontes documentais e pesquisa histórica**. Campina Grande, PB. EDUEPB, 2011.

RODRÍGUEZ, Aloma. **A nova era dourada das distopias**. Jornal El País, 7 out 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/06/cultura/1507305334_572081.html> Acessado em Jul/2018.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spíndola Silveira Truzzi. **História & Documento e método de pesquisa**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. – (Coleção História &... reflexões, 10). Dispositivo Kindle, Amazon.

SILVA, Aldemir Nicolau da. **A nova mídia e sua utilização pelos jovens**. Revista Eletrônica Temática. Ano V, n. 09 – setembro/2009 Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2009/setembro/novamidia_jovens.pdf> Acessado em Jul/2018.

SILVA, Alexander Meireles da. **Utopia para quem?** O desenvolvimento da literatura de utopia feminina. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. v. VI, n° XXI. Abr-Jun 2017. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/354/339>> Acessado em Jul/2018.

SILVA, Edilane Ferreira da. **Distopia e Utopia na Narrativa Maravilhosa de Marina Colasanti** – Um Diálogo o com a Ecocrítica Feminista. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <[http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503884896_ARQUIVO_ArtigoCompleto\[final2\].pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503884896_ARQUIVO_ArtigoCompleto[final2].pdf)> Acessado em Jul/2018.

SUAREZ, Aida. **Distopia no Feminino ou Anti-Utopia Feminina.** 2016. Disponível em: <<http://reviradafeminista.com/distopia-no-feminino-ou-anti-utopia-feminina/>> Acessado em Jul/2018.

TERTO, Amauri. **7 livros de ficção científica escritos por mulheres que você já deveria conhecer.** 2017. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/10/05/7-livros-de-ficcao-cientifica-escritos-por-mulheres-que-voce-ja-deveria-conhecer_a_23230361/> Acessado em Jul/2018.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, S/D. Dispositivo: Kindle, Calibre.

URBIM, Emiliano. **Manifestantes se apropriam da cultura pop para ir às ruas.** Jornal o Globo, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/manifestantes-se-apropriam-da-cultura-pop-para-ir-as-ruas-22969723>> Acessado em Ago/2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu.** São Paulo, Tordesilhas, S/D. Dispositivo Kindle, Calibre.